



Economia para Trabalhadores

Ano IV, Edição XXXIV

Março de 2016

Nesta edição:

Opinião - Crise e reestruturação do poder no Brasil 2

Atividade industrial - Brasil 3

Atividade Industrial - Santa Catarina 4

Indicadores 5

Apresentação

Caros(as) companheiros(as), esta é a 34ª edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da Subseção do Dieese na Fetiesc. Nesta edição de março queremos destacar o momento político pelo qual o país passa e as consequências para a vida dos trabalhadores.

Infelizmente, caminhamos para um segundo ano consecutivo de recessão econômica, com retração da atividade industrial, aumento da desocupação e queda da renda. Ou seja, se as condições materiais de vida da população que trabalha são difíceis numa situação de progresso econômico e social, estas se deterioram numa situação recessiva como a que estamos passando desde fins de 2014.

A instabilidade política e o desfecho da crise do sistema político influenciará de forma determinante a trajetória do desenvolvimento. Existem projetos e projetos. Neste momento, sentimos sintomas de um recuo no tempo para o período final do século passado (anos 1990), onde predominavam as ameaças a classe trabalhadora (flexibilização de direitos, desemprego, arrocho salarial).

Se o que se busca é melhorar as condições de vida da população, deve ser fundamental retomar o projeto que pautava o crescimento econômico, com atenção à distribuição de renda aos mais pobres. Políticas de expansão do emprego formal devem ser perseguidas, pois demonstraram ser importantes para a redução das desigualdades de renda.

Claro que o cenário mudou, não há mais ventos favoráveis vindos do exterior e nem confiança necessária no país para avançar em tal projeto. Mas é preciso agir politicamente. É preciso também revisar criticamente o caminho trilhado, dedicando especial atenção a elementos não materiais que também fazem parte do desenvolvimento.

Este boletim apresenta um texto de opinião sobre a crise brasileira, apontando as mudanças que estão ocorrendo na estrutura de poder no país. Nas outras seções são apresentados os indicadores de atividade industrial do Brasil e de Santa Catarina no início deste ano.

Existem relevantes sinais de recuperação, ainda que num quadro geral de retração da atividade. A desaceleração da atividade parece ter chegado nos preços do comércio e serviços e a inflação deve registrar queda no decorrer do ano. Em Santa Catarina houve saldo positivo na movimentação do emprego formal (admitidos - desligados) na indústria em janeiro e a taxa de desocupação foi de apenas 4,2% no final de 2015. Apesar de ter crescido, trata-se de uma taxa ainda baixa para o cenário de crise. Fundamental é reverter a tendência de queda e retomar o crescimento.

Boa leitura!

Opinião* - Crise e reestruturação do poder no Brasil

A crise econômica e política pela qual o país passa reflete a reestruturação do poder que está em curso também no Brasil. A articulação das forças sociais e econômicas que engendraram uma estrutura de poder responsável pela sustentação do projeto de um país "para todos" apresenta sinais fortes de esgotamento. Não parece ser coincidência que o esgotamento desta articulação e, portanto, a instabilidade de certa estrutura de poder, se explicita num cenário econômico externo que reforça problemas crônicos da dependência e do subdesenvolvimento. Estes problemas, puxados pelo desequilíbrio do setor externo, combinam pressões inflacionárias e baixo crescimento, o que impõe limites à coalizões amplas.

O cenário econômico mundial na primeira década deste século foi favorável aos países emergentes, principalmente em função da alta dos preços de commodities (bens básicos com forte participação na pauta exportadora destas economias). O forte crescimento da China e a expansão do comércio com este país, foi um importante impulso de crescimento para países como o Brasil. Combinado ao cenário favorável, a habilidade política do governo Lula foi um ingrediente fundamental para que a receita do projeto de um país "para todos" desse certo.

A prudência na orientação da política econômica, mais expansiva do lado fiscal e conservadora do lado monetário e cambial, alcançou a estabilidade macroeconômica com melhoria das rendas de todos as classes. Assim, o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) teve o apoio da burguesia produtiva e rentista, nacional e estrangeira, mesmo que sua política externa esteve orientada para uma relação Sul-Sul, de fortalecimento do Mercosul e negação de acordos de livre comércio hegemônicos por potências ocidentais. Para lembrar Marx¹, para os trabalhadores a situação foi de "miséria complicada" (melhoria da renda em termos absolutos, mas não relativo, já que ampliou-se o produto total), ainda assim, o melhor que se pode alcançar em termos econômicos numa sociedade capitalista (crescimento também para os de baixo).

O processo de transição do modelo de crescimento da economia chinesa - de exportador de manufaturas e investimentos para fortalecimento do comércio e serviços na economia doméstica -, e a crise econômica iniciada nos EUA e estendida para a Europa, trouxe nova realidade para as economias emergentes. No caso brasileiro, além deste novo cenário adverso, erros políticos parecem ter submetido o país à atual crise. Estes erros podem ser identificados no campo estritamente político, como a posição do PT em eleições como a para governo do Rio de Janeiro, com candidato próprio enfrentando o principal partido aliado em âmbito nacional, o PMDB; ou ainda o esforço para estruturação do PSD e a disputa pela presidência da Câmara, em oposição ao mesmo PMDB.

Estas ações certamente geraram desgastes na coalizão do governo. Mas talvez mais importante, o governo Dilma buscou acelerar² a implementação do projeto desenvolvimentista avançando sobre interesses do setor privado, como suas rendas (lucros e juros). São exemplos a intervenção na Selic, nos spreads bancários, na tarifa do setor elétrico, nos preços dos combustíveis, no câmbio, nos controles de capitais, na proteção do mercado doméstico, entre outros. Estas medidas por um certo momento podem ter atendidas demandas de parte

da burguesia, mas com o passar do tempo, pontos de convergência da classe capitalista ganharam maior espaço em suas agendas e fizeram o governo recuar. O principal ponto de convergência talvez tenha sido a situação de baixa desocupação da força de trabalho e a permanente valorização real dos salários, desta dinâmica decorrente. Combina-se à este ponto de convergência o incômodo causado pelo excesso de "ativismo estatal" e aqui cabe destacar a influência da imprensa local e estrangeira na formação do quadro cognitivo da burguesia.

O período que serviu para maturação destes pontos de convergência entre setores da burguesia também marcaram a queda da popularidade do governo Dilma, sobretudo a partir das manifestações de junho de 2013, que demonstraram limites da articulação das forças sociais e econômicas (do poder) até então constituída. O resultado eleitoral com vitória apertada e a postura da oposição formal de não desistir do jogo pelo poder, apesar da derrota nas urnas, abriram uma nova fase na estruturação do poder que parece estar em curso, uma fase marcada por ameaças de impeachment, onde o governo eleito não governa. E cumpre papel central neste jogo, atendendo anseios pessoais, da oposição formal e de movimentos organizados pró-impeachment, o presidente da Câmara de Deputados, Eduardo Cunha³, que disputou eleição da Casa contra o PT e que é réu na Operação Lava-Jato, apesar de a imprensa parecer ter feito a população esquecer disso.

Para os trabalhadores, neste momento, a situação de "miséria complicada" faz parte do passado, infelizmente. A situação atual é de "miséria progressiva", com aumento do desemprego e queda da renda (salário). Estes são os primeiros sintomas da reestruturação do poder. Infelizmente, os próximos atos devem vir acompanhados por medidas de flexibilização da legislação trabalhista, tudo para diminuir custos e recompor margens. O projeto neoliberal está ganhando seus contornos, ainda que a disputa esteja aberta. Existem focos de resistência, novas propostas de compromissos entre classes, mas parece haver uma reestruturação do poder em curso. Uma reestruturação para sustentar qual projeto? O minimamente esboçado e chamado de Agenda Brasil? Ou o projeto de transição: "Ponte para o Futuro", que contou com a colaboração de economistas da oposição formal? Ou, ainda, a "esperança" de uma nova investida desenvolvimentista, com câmbio depreciado e investimento públicos em setores como o da construção civil?

Para os trabalhadores nenhum dos projetos rompe com a situação de miséria, pelos esquemas postulados por Marx. A miséria rompe-se não apenas com a melhoria das condições econômicas do trabalhador. Este talvez seja um ponto importante para a avaliação crítica do projeto lulista, se for pensá-lo em termos de proposta de transformação mais ampla. No período de baixa nos ciclos do capitalismo, quando o atraso do subdesenvolvimento nos países periféricos salta aos olhos, parece ser importante que a base que sustenta tal projeto de desenvolvimento tenha progredido não apenas materialmente.

(*) Mairon Edegar Brandes

(1) Ver Karl Marx, "Manuscritos econômico-filosóficos"

(2) Ver artigo de André Singer, "Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014)"

(3) Ver artigo de Fernando Limongi, "O passaporte de Cunha e o impeachment: a crônica de uma tragédia anunciada".

Atividade Industrial - Brasil

Houve crescimento na produção industrial no Brasil na série mensal com ajuste sazonal (0,4%). Para a indústria manufatureira a alta foi de 0,6%, mas houve uma queda na produção da indústria extrativa de 2,7%. A alta de 0,4% nesta série interrompe a sequência de registros negativos dos últimos sete meses consecutivos.

Apesar da melhora do resultado na série mensal, quando comparado com janeiro de 2015 a produção teve recuo de 13,8%, a 23ª consecutiva e a mais alta desde abril de 2009. Na série dos últimos doze meses, janeiro registrou retração de 9,0% mantendo uma trajetória descendente desde março de 2014. A queda de 9,0% foi a mais forte desta série desde o registro de novembro de 2009.

Quando observada a trajetória da produção da indústria geral na série de média móvel trimestral percebe-se uma diminuição no ritmo de queda. Pelo comportamento da produção por grandes categorias, com exceção da produção de bens de capital, todas apresentam estabilidade (interrupção na trajetória de queda) ou mesmo recuperação, como no caso dos bens de consumo.

Na série mensal o faturamento real da indústria também teve alta, crescendo 1,0%, segundo pesquisa da CNI. Apesar da alta nesta série, na comparação com janeiro de 2015 o faturamento real teve queda de 13,9%. Assim, percebe-se como as variáveis produção e faturamento tem comportamento semelhante, apesar de pesquisas com fontes diferentes. Esta dinâmica pode explicar o resultado de outra pesquisa da CNI, a do nível de estoques nas fábricas (relação entre o efetivo e o planejado). O indicador de janeiro revela, assim como o dezembro revelou, que os estoques estão ajustados.

As expedições de papelão ondulado haviam crescido em dezembro, termômetro possível para o crescimento de produção e vendas que se percebeu em janeiro. Mas em janeiro, os indicadores de alguns termômetros que acompanhamos são negativos (quedas na expedição de papel ondulado, no consumo de energia elétrica indústria e na produção de aço bruto).

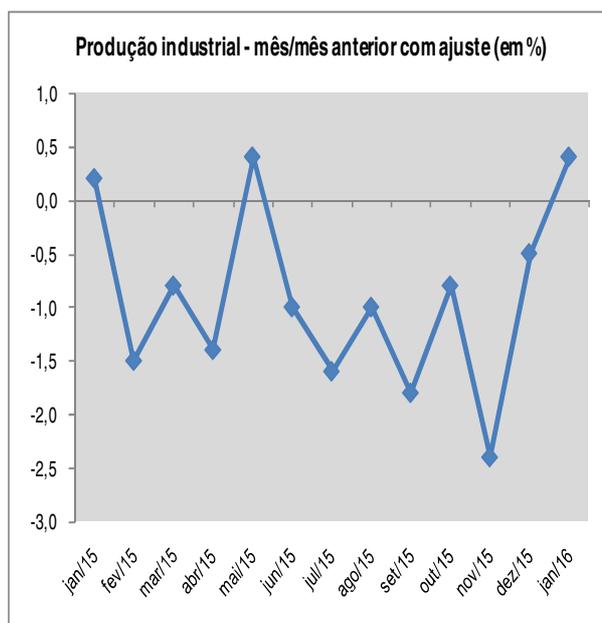
A desaceleração da atividade fabril pode ser observada ainda no crescimento da ociosidade da capacidade instalada, que segundo sondagem realizada pela CNI, segue crescendo. Em dezembro estava em 23,0% e em janeiro chegou a 24,1%. O emprego formal na indústria de transformação em janeiro também registrou recuo. O número de desligamentos

de vínculos superou o de admissões em 16.500 unidades (-0,2%). Em doze meses a queda do emprego formal na indústria manufatureira chegou a 8,0% em janeiro.

Além da variação positiva nas séries mensais de produção e faturamento real, outro indicador que registrou sinal positivo foi o Índice de Confiança do Empresário Industrial, também sondado pela CNI. Em fevereiro chegou a 37,1, crescendo 0,6 p.p. com relação ao mês anterior (36,5). A queda do pessimismo é percebida com maior força entre os empresários de grandes empresas.

A melhora de percepção com relação as condições atuais e futuras parece estar muito relacionada ao comércio exterior, onde há perspectivas de expansão das exportações destas empresas. Houve uma grande melhora na competitividade da indústria manufatureira instalada no país em função da alta da taxa real de câmbio efetiva de 29,0% em janeiro deste ano, com relação a janeiro do ano passado. O custo unitário do trabalho (indicador utilizado para mensurar competitividade) teve queda de 27,7% neste período.

A desvalorização cambial tem contribuído na recuperação de mercados externos para setores tradicionais da indústria instalada no país. Apesar da queda das exportações, há uma tendência crescente nas exportações de manufaturados e um aumento na rentabilidade das mesmas.



Fonte: PIM (IBGE). (Elaboração: Dieese - Subseção na Fetiesc)

Atividade Industrial - Santa Catarina

O início de 2016 apresenta alguns sinais importantes de recuperação da atividade industrial em Santa Catarina. Na passagem de dezembro para janeiro, a produção industrial do estado registrou a maior alta do país. O saldo de empregos na indústria também foi positivo em janeiro. Apesar da queda no faturamento real e do aumento da ociosidade, em comparação com janeiro de 2015, o pessimismo do empresário industrial está em queda. Uma contribuição para o humor dos empresários está vindo do comércio exterior. Há sinais de processos de substituição de importações e mesmo incremento de exportações em setores que perderam competitividade no período prolongado de valorização cambial de nossa economia.

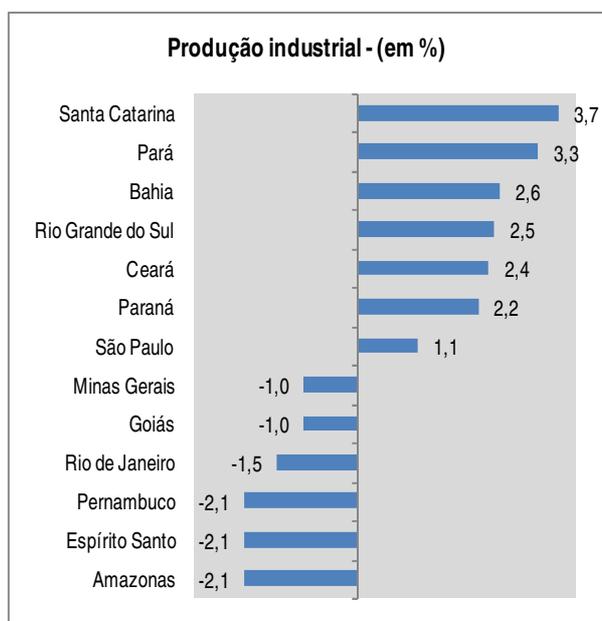
A produção industrial catarinense cresceu 3,7% na série mensal com ajuste sazonal. Foi o melhor resultado dentre todas as regiões pesquisadas pelo IBGE. A média da produção industrial no Brasil cresceu 0,4% neste período. Apesar do bom resultado com relação a dezembro, na comparação com janeiro do ano passado a produção da indústria de transformação catarinense registrou um recuo de 11,2%. Nos últimos doze meses a queda foi de 8,4% na produção industrial do estado.

O faturamento real da indústria no estado teve queda pouco superior a retração da produção, na comparação com janeiro de 2015 (-12,9%), segundo pesquisa da Fiesc. Dentre os setores observados todos apresentaram queda no faturamento real, sendo que a maior foi observada no de confecções (-40,9%). Os demais apresentaram quedas inferiores à média da indústria de transformação do estado. Segundo a pesquisa da Fiesc, a utilização de capacidade instalada teve queda em janeiro deste ano em comparação com o mesmo mês do ano passado. A taxa média foi de 79,7%, enquanto em janeiro de 2015 estava em 83,2%.

Em sentido contrário, os registros de movimentação de emprego formal do MTE apresentam um saldo positivo em 2.598 os vínculos na indústria de transformação catarinense, em janeiro. Trata-se de um aumento de 0,4% no estoque de vínculos formais de emprego de dezembro de 2015. Apesar do maior número de admissões com relação a desligamentos em janeiro, nos últimos doze meses o saldo de vínculos é negativo em 40.073 unidades, uma retração de 5,8%.

O indicador de confiança do empresário industrial, sondado pela Fiesc, vem apresentando recuperação há alguns meses. No mês de fevereiro o pessimismo continuou em queda. Em janeiro o índice estava em 37,0 pontos e passou a 38,4 em fevereiro. A melhora da confiança foi registrada tanto com relação as condições atuais quanto futuras (expectativas). Apesar da recuperação, o índice de confiança em fevereiro deste ano está ainda abaixo do registrado em fevereiro de 2015 (39,1). O índice de expectativas captado em fevereiro é praticamente o mesmo do ano passado.

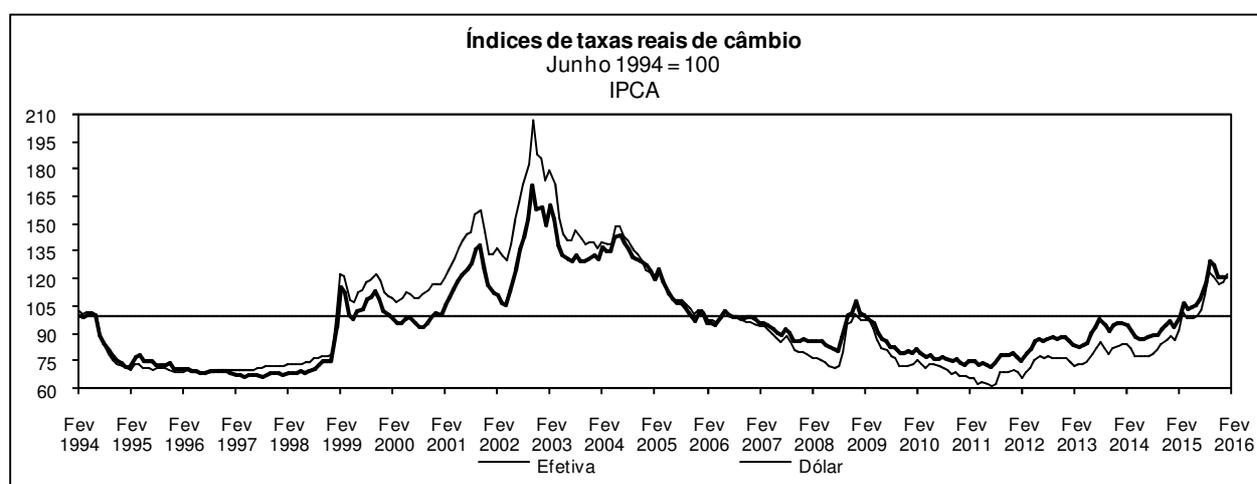
Um fôlego para a atividade industrial está vindo do comércio exterior. Com a desvalorização cambial e a retração do consumo doméstico, houve forte queda nas importações. O produto local tornou-se mais competitivo e há sinais mais fortes de substituição de importações em alguns setores, como o de confecção de artigos do vestuário. Por outro lado, percebe-se inclusive uma recuperação forte nas exportações no primeiro bimestre deste ano, com relação ao mesmo período do ano passado. Dentre os setores observados que expandiram as exportações, são exemplos a indústria da moda e a de material plástico, além do setor de celulose, papel e produtos de papel.



Fonte: PIM-Regional (IBGE). (Elaboração: Dieese - Subseção na Fietiesc)

INDICADORES MACROECONÔMICOS

PIB Trimestral (em %)		Indústria	FBCF	Cons.Fam.	Cons.Gov.	PIB
4º trimestre 2015/Idem 2014		-8,0	-18,5	-6,8	-2,9	-5,9
2015/2014		-6,2	-14,1	-4,0	-1,0	-3,8
IBC-BR (em %)		Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M	
		-0,6	-6,7	-6,7	-4,4	
Finanças Setor Público		Até Jan. 2015		Dez. 2015	Até Jan. 2016	
		R\$ mi	% PIB	R\$ mi	R\$ mi	% PIB
Resultado Primário		21.063	-1,9	-71.729	27.913	5,6
Juros Nominais		-18.022	-8,5	-52.093	-56.218	-11,3
Resultado Nominal		3.041	-10,3	-123.821	-28.305	-5,7
		<i>Dívida Bruta do Governo Geral (% PIB)</i>				67,0
		<i>Dívida Líquida do Governo Geral (% PIB)</i>				38,4
Setor Externo		Até Jan. 2015		Jan. 2016	Até Jan. 2016	
		US\$ mi		US\$ mi	US\$ mi	
Transações Correntes		-12.165		-4.817	-4.817	
Bal. Coml.		-2.865		643	643	
Conta Financeira		11.791		4.422	4.422	
IDP		5.765		5.455	5.455	
		<i>Saldo de transações correntes (U12M % PIB)</i>				-2,9
		<i>Necessidade de financiamento externo (U12M % PIB)</i>				-1,3
Câmbio				Jan. 2015	Jan. 2016	
Taxa média - venda (R\$/US\$)				2,63	4,05	
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPA-DI) (U12M em %)</i>				-	33,3	
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPCA) (U12M em %)</i>				-	40,6	
Inflação				Fev. 2015	Fev. 2016	Var. (p.p.)
IPCA (U12M %)				7,70	10,36	2,7
INPC (U12M %)				7,68	11,08	3,4
Juros				Fev. 2015	Fev. 2016	Var. (p.p.)
Meta da taxa Selic (% a.a.)				12,25	14,25	2,0



Fonte: BCB.

INDICADORES INDUSTRIAIS - BRASIL (em %)

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M
<i>Geral</i>	0,4	-13,8	-13,8	-9,0
<i>Extrativa</i>	-2,7	-16,8	-16,8	1,3
<i>Transformação</i>	0,6	-13,3	-13,3	-10,4
Grandes categorias				
Bens de capital	1,3	-35,9	-35,9	-27,0
Bens intermediários	0,8	-11,9	-11,9	-6,0
Bens de consumo	-0,9	-11,9	-11,9	-9,9
Bens de consumo - <i>duráveis</i>	-2,4	-28,2	-28,2	-19,9
Bens de consumo - <i>semiduráveis e não duráveis</i>	0,3	-7,2	-7,2	-7,0
FATURAMENTO REAL (CNI)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M
	1,0	-13,9	-13,9	-
NÍVEL DE ESTOQUES (CNI)	-	Jan. 2015	Dez. 2015	Jan. 2016
Relação efetivo-planejado	-	50,5	49,8	50,3
TERMÔMETROS DE ATIVIDADE	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M
Expedição de papelão ondulado (ABPO)	-2,8	-7,0	-7,0	-
Consumo de energia elétrica industrial (EPE)	-3,7	-9,3	-9,3	-5,6
Produção de aço bruto (Aço Brasil)	-0,4	-17,9	-17,9	-
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M
<i>Saldo (qtde)</i>	-16.553	-	-16.553	-657.318
<i>(%)</i>	-0,2	-	-0,2	-8,0
Utilização da Capacidade Instalada (CNI)	-	Jan. 2015	Dez. 2015	Jan. 2016
<i>(% média)</i>		80,8	77,0	75,9
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI)	-	Fev. 2015	Jan. 2016	Fev. 2016
		40,2	36,5	37,1
<i>Condições atuais</i>		32,2	27,6	28,9
<i>Expectativas</i>		44,1	40,9	41,2
COMÉRCIO EXTERIOR (Funcex)		Jan/Jan	Até Jan	U12M
Exportação - manufaturados				
<i>Quantum (%)</i>		1,4	1,4	3,6
<i>US\$ (%)</i>		-12,7	-12,7	-8,8
<i>Preços (%)</i>		-13,6	-13,6	-12,0
Importação - total				
<i>Quantum (%)</i>		-30,4	-30,4	-16,7
<i>US\$ (%)</i>		-38,8	-38,8	-27,0
<i>Preços (%)</i>		-12,2	-12,2	-12,4
Índice de Rentabilidade das exportações - total (%)		7,7	7,7	3,6
Índice de Termos de troca - total (%)		-9,5	-9,5	-10,8
INDICADORES DE COMPETITIVIDADE (BCB)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M
Custo unitário do trabalho (%)	7,6	-27,7	-27,7	-
Índice de taxa real de câmbio efetiva (%)	0,1	29,0	29,0	-
Índice de taxa real de câmbio corrigida pela produtividade (%)	3,9	26,0	26,0	-

INDICADORES INDUSTRIAIS - SANTA CATARINA (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M		
<i>Transformação</i>	3,7	-11,2	-11,2	-8,4		
<i>Têxtil</i>	-	-19,4	-19,4	-13,0		
<i>Vestuário</i>	-	9,2	9,2	-1,2		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-2,8	-2,8	-1,1		
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-12,8	-12,8	-9,4		
FATURAMENTO REAL (Fiesc)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M		
<i>Transformação</i>	-	-12,9	-12,9	-		
<i>Têxtil</i>	-	-	-12,0	-		
<i>Vestuário</i>	-	-	-40,9	-		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-	-11,0	-		
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-	-4,2	-		
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Jan/Dez	Jan/Jan	Até Jan	U12M		
<i>Saldo (qtde)</i>	2.598	-	2.598	-40.073		
<i>(%)</i>	0,4	-	0,4	-5,8		
Utilização da Capacidade Instalada (Fiesc)	Jan. 2015		Jan. 2016			
<i>(% média)</i>	83,2		79,7			
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (Fiesc)	Fev. 2015	Jan	Fev. 2016			
	39,1	37,0	38,4			
<i>Condições atuais</i>	33,7	30,7	32,0			
<i>Expectativas</i>	41,8	40,2	41,6			
COMÉRCIO EXTERIOR - BRASIL (Funcex)	Jan/Jan		Até Jan		U12M	
	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)
Exportações						
<i>Têxtil</i>	35,3	49,0	35,3	49,0	-4,6	8,2
<i>Vestuário e acessórios</i>	-12,3	-1,7	-12,3	-1,7	-12,4	3,9
<i>Couro e calçados</i>	-13,1	16,7	-13,1	16,7	-18,9	-2,4
<i>Papel e celulose</i>	9,8	4,6	9,8	4,6	8,4	10,7
<i>Produtos químicos</i>	-12,2	3,4	-12,2	3,4	-14,9	2,9
<i>Produtos de material plástico</i>	-1,6	13,7	-1,6	13,7	-9,4	2,9
Importações						
<i>Têxtil</i>	-50,6	-49,0	-50,6	-49,0	-28,3	-25,0
<i>Vestuário e acessórios</i>	-42,5	-44,4	-42,5	-44,4	-10,7	-7,0
<i>Couro e calçados</i>	-37,7	-40,8	-37,7	-40,8	-20,1	-18,4
<i>Papel e celulose</i>	-33,0	-29,3	-33,0	-29,3	-29,4	-26,5
<i>Produtos químicos</i>	-27,5	-17,6	-27,5	-17,6	-19,1	-12,5
<i>Produtos de material plástico</i>	-39,4	-38,7	-39,4	-38,7	-23,6	-20,1
Índice de Rentabilidade das exportações	Jan/Jan (%)		Até Jan (%)		U12M (%)	
<i>Têxtil</i>	20,8		20,8		13,9	
<i>Vestuário e acessórios</i>	24,3		24,3		11,9	
<i>Couro e calçados</i>	2,5		2,5		8,2	
<i>Papel e celulose</i>	37,4		37,4		25,4	
<i>Produtos químicos</i>	13,2		13,2		7,6	
<i>Produtos de material plástico</i>	16,5		16,5		14,2	

INDICADORES DO MERCADO DE TRABALHO

Custo de Vida				
Inflação		Fevereiro (%)	Var. 12 meses (%)	
ICV/DIEESE		0,71	10,20	
INPC/IBGE		0,95	11,08	
IPCA/IBGE		0,90	10,36	
IGP-DI/FGV		0,79	11,93	
IGP-M/FGV		1,29	12,08	
IPC/FIPE		0,89	10,43	
Cesta Básica	Florianópolis	Fevereiro	Varição acum. em 12 meses (em %)	1,56
			Valor mensal (em R\$)	430,69
Salário Mínimo Necessário e Piso Regional Catarinense				
Salário Mínimo Nacional	Janeiro	Valor nominal (em R\$)		880,00
Salário Mínimo Necessário	Janeiro	Valor nominal (em R\$)		3.725,01
Piso Regional SC	Faixa I	Valor nominal (em R\$)		1.009,00
	Faixa II	Valor nominal (em R\$)		1.048,00
	Faixa III	Valor nominal (em R\$)		1.104,00
	Faixa IV	Valor nominal (em R\$)		1.158,00
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação no Brasil				
	Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo	Var. Emprego
	<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>	<i>(%)</i>
Em janeiro¹	192.038	208.591	-16.553	-0,2
No ano²	192.038	208.591	-16.553	-0,2
Nos últimos 12 meses³	2.701.237	3.358.555	-657.318	-8,0
<i>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</i>				
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação em Santa Catarina				
	Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo	Var. Emprego
	<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>	<i>(Qtde)</i>	<i>(%)</i>
Em janeiro¹	22.171	19.573	2.598	0,4
No ano²	22.171	19.573	2.598	0,4
Nos últimos 12 meses³	280.971	321.044	-40.073	-5,8
<i>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</i>				
Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil	Valor (em R\$)			1.913,00
	4º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)			-2,0
Santa Catarina	Valor (em R\$)			2.018,00
	4º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)			-7,9
Massa Real de Rendimentos Habitualmente Recebidos pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil	Valor (R\$ em milhões)			171.543,00
	4º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)			-2,4
Santa Catarina	Valor (R\$ em milhões)			6.875,00
	4º trimestre 2015/idem ano anterior (em %)			-7,0
Taxa de Desocupação				
Brasil	4º trimestre 2015 (em %)			9,0
	4º trimestre 2015/idem ano anterior (em p.p.)			2,5
Santa Catarina	4º trimestre 2015 (em %)			4,2
	4º trimestre 2015/idem ano anterior (em p.p.)			1,5

Economia para Trabalhadores - Ano IV, edição XXXIV, março de 2016. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; **Vice-Presidente:** Rosane Sasse; **Secretário Geral:** Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; **Coordenação Executiva:** Patrícia Pelattieri; **Coordenação Administrativa e Financeira:** Rosana de Freitas; **Coordenação de Educação:** Nelson de Chueri Karan; **Coordenação de Relações Sindicais:** José Silvestre Prado de Oliveira; **Coordenação de Atendimento Técnico Sindical:** Airtton Santos; **Coordenação de Estudos e Desenvolvimento:** Angela Schwengber; **Supervisor Regional do Dieese/SC:** José Álvaro Cardoso; **Técnico Responsável pelo Boletim:** Mairon Edegar Brandes.